

Podcast

Episódio 16 - A paisagem linguística na formação de professores

Ana Isabel Andrade e Filomena Martins partilham a sua experiência na integração da paisagem linguística em cursos de formação de professores na Universidade de Aveiro.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Então bom dia! Estamos aqui hoje para mais um *podcast* do projeto LoCALL, desta feita em língua portuguesa e connosco temos duas formadoras de educadoras e professoras do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro, que integram a equipa do projeto LoCALL. Gostaria de começar por agradecer a vossa disponibilidade para estarem aqui hoje e para partilharem comigo e com os ouvintes como tem sido a vossa experiência na integração da paisagem linguística enquanto tema e recurso nos programas de formação de educadores e professores desta instituição. E para iniciar esta nossa conversa, eu gostaria que cada uma se apresentasse brevemente indicando nome, a categoria profissional a experiência profissional que considerem relevante, nomeadamente as unidades curriculares que costumam lecionar, bem como referissem as vossas áreas de interesse investigativo. Podemos começar por si, Ana Isabel?

Ana Isabel: Sim, pode ser. Rapidamente, então, Ana Isabel Andrade, sou professora na Universidade de Aveiro há bastante tempo, categoria profissional: sou professora catedrática. A minha experiência de mais de 35 anos como formadora e as unidades curriculares que costumo lecionar têm a ver quer com a educação para a diversidade, a pluralidade linguística e educação, quer com as práticas educativas e as práticas de educação, formação, supervisão, práticas e teorias, nomeadamente a supervisão e os seminários afetos a essa área e também as práticas, as práticas pedagógicas supervisionadas. Os interesses têm a ver, sobretudo, com a educação e a formação para a diversidade como uma forma de atingir se quisermos sociedades e comunidades mais sustentáveis e é isso.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Obrigada.

Filomena Martins: Eu chamo-me Filomena Martins, sou professora auxiliar da Universidade de Aveiro, tenho quase 43 anos de atividade profissional, mas encontro-me aqui na Universidade de Aveiro há 31 anos, sempre ligada à formação e, sobretudo, à formação inicial de educadores e professores. Costumo lecionar unidades curriculares diretamente ligadas à formação de professores, nomeadamente o Seminário de Orientação Educacional. Sou supervisora da prática pedagógica, mas também leciono unidades curriculares da área da Didática da Língua Portuguesa, ensino precoce de Língua Estrangeira e ainda Educação Plurilingue e Intercultural. As minhas áreas de interesse

investigativo são muito semelhantes às da Ana Isabel. A educação para a diversidade linguística e cultural relacionada com a formação de professores, sobretudo para os primeiros anos de escolaridade, a educação plurilingue, didática do plurilinguismo e também a educação em português.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Obrigada. E recordam-se quando é que contactaram pela primeira vez com o conceito de paisagem linguística, o que é que pensaram na altura? Compreenderam logo que o conceito tinha valor pedagógico e como é que o poderiam integrar nas vossas unidades curriculares?

Ana Isabel: Eu contactei com o conceito há muito tempo já, num artigo que li ainda em Ensino Precoce de Língua Estrangeira e achei logo que tinha imenso interesse e as minhas alunas de seminário, na altura, na Licenciatura em Ensino Básico, fizeram um trabalho em que incluíram uma atividade sobre a paisagem linguística. Portanto, já não me recordo há quantos anos foi, mas foi há bastantes anos, há mais de dez, porque [foi] quando ainda tínhamos a Licenciatura em Ensino Básico. Portanto, lembro-me nessa altura, no Seminário ou na disciplina de Ensino Precoce ou nas duas, de ter lido um artigo sobre [paisagens linguísticas] e ter achado que teria interesse explorar essa ideia.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Portanto, foi logo explorado do ponto de vista pedagógico?

Ana Isabel: Foi.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Sim e Filomena?

Filomena Martins: A primeira vez que eu contactei com o conceito foi em junho de 2009, numa conferência da IRAAL [Irish Association for Applied Linguistics] em Limerick, na Irlanda, onde tivemos a oportunidade, eu, a Ana Isabel, a própria Monica e a Susana de apresentar um texto sobre a sensibilização à diversidade linguística nos primeiros anos de escolaridade, das práticas à reflexão. E eu fiquei muito entusiasmada com as comunicações de alguns dos intervenientes, como o Durk Gorter, Christine Hélot, a Elana Shohamy, a [Jasone] Cenoz. E interessei-me porque vi que tinha muitas potencialidades, relacionando a sensibilização à diversidade linguística com as expressões, com a multimodalidade, até com o contacto com diferentes línguas, a aprendizagem da leitura e da escrita. Fiquei muito entusiasmada! Ainda não tinha bem compreendido como é que poderia trabalhar com os alunos, os professores, o conceito. Mas realmente fiquei muito motivada.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): E desde então têm vindo a integrar a paisagem linguística nos cursos de formação. Em que unidades curriculares?

Ana Isabel: Eu integro sempre em Pluralidade Linguística e Educação, mas a minha entrada pela paisagem linguística tem servido sobretudo para levar os alunos, os estudantes, futuros professores ou já professores em exercício a reconhecerem o valor e a presença das línguas nos contextos. Eu costumava organizar a unidade curricular de Pluralidade [Linguística e Educação] entre contextos, sujeitos, línguas e culturas, portanto, os objetos da reflexão. E eu usei sempre... tive sempre a preocupação em que eles olhassem para o contexto e para lá dos objetos que são as línguas, ou seja, relacionassem a presença... a importância das línguas nos contextos e nas pessoas, na sua organização social, na sua distribuição no espaço, na sua presença e, de alguma forma, na sua valorização ou discriminação. Porque as línguas também aparecem muitas vezes nos espaços urbanos, por exemplo, como sinal evidente de discriminação ou de necessidade de afirmar uma determinada voz. Portanto, para mim, a paisagem linguística é uma forma de olhar para os contextos e para as comunidades e para a forma de organizar as comunidades e de distribuir os sujeitos e as diferentes... os estratos, as comunidades no espaço.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Hum-hum. E, no seu caso, Filomena, foi também esse o objetivo da introdução nas unidades curriculares?

Filomena Martins: De uma forma muito superficial na unidade curricular de Educação Plurilingue e Intercultural. Quando os estudantes tinham que ir à procura da diversidade no contexto e à procura de línguas desconhecidas e por vezes, indiretamente, aparecia algo relacionado com a paisagem linguística... Mas a paisagem linguística tem vindo a ser integrada, no meu caso, sobretudo, no Seminário de Orientação Educacional e também na Prática Pedagógica, onde tem várias potencialidades. Lembro-me que o trabalho que orientamos, eu e Ana Isabel, da Mariana Clemente e que começou, portanto, eu era orientadora da prática, a Ana Isabel de Seminário, e depois deu origem à tese de doutoramento. Mas começou com o trabalho que ela fez, do qual resultou um artigo que estava relacionado com o aprender a ler o mundo e eu acho que esta ideia, este conceito de “ler o mundo” relacionado com a paisagem linguística, é fantástico! Porque nós vemos o mundo munindo-nos de diferentes instrumentos de aproximação, de tentativa de descodificação daquilo que nos rodeia e aquilo que nos rodeia é múltiplo, é multimodal e é necessário, no caso da formação de educadores e professores, sensibilizar para essa leitura porque a leitura não se pode apenas restringir à questão da decifração de um código linguístico, porque isso seria demasiado limitador e para mais hoje que somos rodeados de vários textos em diferentes suportes. Portanto, essa possibilidade, essa abertura de ler o mundo com instrumentos muito mais ricos, muito mais potentes, onde estão línguas, onde está o contacto de línguas, onde estão vozes, onde há uma relação que nós compreendemos que muitas vezes é de diglossia e de estatutos diferentes das línguas que nos cercam. Mas depois também outro tipo de linguagens como os graffitis, como a arte urbana, como as placas de trânsito em que, sobretudo

na formação de educadores e professores, têm imensas possibilidades de integração curricular. Até no âmbito, eu estou-me agora a lembrar da Educação para a Cidadania, onde um dos trabalhos específicos que é feito logo no 1º Ciclo é a segurança rodoviária é um dos temas e, portanto, também a leitura de sinais com outras linguagens, e eu acho realmente que é uma área que tem muitas potencialidades.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): E quando fazem essa integração nas unidades curriculares fazem-no através de que atividades? De que recursos? Leituras de textos? Como é que fazem isso?

Ana Isabel: Eu, em geral, um pouco tudo, leitura de textos. Os alunos têm sempre que escolher alguma coisa para ler e acho que é importante lerem textos já produzidos e para reflexão, compreensão do que se pretende, mas também o próprio olhar, por exemplo, usar câmaras, tirar fotografias, reparar durante algum tempo. Lembro-me que fizemos um trabalho, também acho que foi com a Filomena, com as alunas dos complementos de formação e em que se pediu às alunas que durante um dia, por exemplo, fizessem o registo das línguas, daquilo que encontravam das línguas no seu contexto, desde que saíam de casa até que regressavam. E eu lembro-me de um grupo de alunas ter feito um trabalho interessante, em que repararam, por exemplo, nos nomes dos vizinhos que estavam escritos nas caixas de correio, alguns, outros não, nós em Portugal não temos tanto esse hábito, mas noutros países têm, e de para elas ter sido, por exemplo, muito importante esse olhar direcionado para algo que nós, a maior parte das pessoas toma como adquirido ou não repara no sentido de compreender de facto o papel que as línguas têm e a sua importância para os sujeitos que as utilizam. Portanto, um pouco de tudo, recursos, projetos, outros projetos já construídos e que os alunos às vezes vão ver, vão analisar, textos. O contacto direto com a própria paisagem.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Hum-hum e no seu caso Filomena, em termos de recursos e atividades, é semelhante?

Filomena Martins: Portanto, ao nível do seminário e da prática pedagógica acho que a primeira atividade é um pouco de *brainstorming*, de tentativa de perceber o que é que significa a paisagem linguística. Depois, parte-se para a leitura de artigos, até para a elaboração de fichas de leitura para se sistematizar o conceito, análise e contacto com relatórios de estágio e com outras práticas, com materiais, com estudos já desenvolvidos no terreno educativo, na área educativa, em torno da paisagem linguística. Também a procura e a leitura de obras de literatura infantojuvenil que possam abordar a paisagem linguística e depois também, até na área das expressões, ver como articular porque o trabalho de formação de futuros educadores e professores do 1º Ciclo nos primeiros anos é realmente, tem essa virtualidade de se poder gerir o currículo até de uma forma mais flexível, mais livre, mais autónoma e de uma forma muito articulada. E aí a paisagem linguística pode ser o mote ou

o *Leitmotiv* para poder coordenar diferentes atividades, diferentes aprendizagens. Portanto, no meu caso, há contacto com textos, textos também em sentido lato, porque fotografias e imagens também são textos, mas sempre com a ideia de poder recriar, planificar para mobilizar... experimentar, mobilizar na prática.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): E como é que as alunas têm reagido a essas atividades? O que elas revelam que aprendem?

Ana Isabel: Eu acho que revelam que... bom, aprende-se sempre alguma coisa com tudo, mas eu acho que falta às nossas alunas ou aos nossos alunos alguma formação em sociolinguística. E isso é, às vezes, impeditivo de irem mais longe de compreenderem e de conseguirem analisar como falta na análise semiótica. Portanto, muitas vezes, eu preocupo-me em que elas não vejam a paisagem linguística como mais um texto que elas analisam, mas a paisagem linguística é o reflexo de muitas escolhas e decisões tomadas por aqueles que dirigem e organizam os espaços, as cidades, por exemplo, pelas pessoas que as habitam, pela forma como as pessoas se sentem parte integrante ou não de determinados espaços, das próprias escolhas económicas que as que as sociedades fazem. E é isso que para mim é mais importante, é mais o compreender porque é que determinadas línguas estão presentes e outras não estão. E o que é que significa, de facto, a presença de determinadas línguas.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Hum-hum. E é uma dificuldade elas passarem do ver para o interpretar.

Ana Isabel: Há aí alguma dificuldade para algumas alunas de compreenderem verdadeiramente ficam-se muito pelo superficial. Ficam-se e pronto também nem nós, muitas vezes somos capazes de ir mais além. Também demoramos a compreender algumas coisas, mas acho que é um pouco isso. Os nossos alunos têm pouca formação. Isto exige alguma formação em sociolinguística, em análise semiótica, por exemplo, que era necessário para que se pudesse fazer um trabalho mais aprofundado.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Hum-hum. E Filomena, no seu caso, como é que as alunas têm reagido, o que têm aprendido, que dificuldades encontram?

Filomena Martins: Eu concordo em absoluto com a Ana Isabel com o que ela disse. Os nossos alunos têm a formação de base que têm e, portanto, eles usam muito mais a paisagem linguística como recurso de trabalhar o currículo de uma forma diferente até mais lúdica, de uma forma articulada. Um bocadinho até digo, inovadora. Mas vendo... não compreendendo exatamente o conceito, porque lhes faltam algumas bases. Mas eu ressalto que é positivo o facto de serem capazes de mobilizar a paisagem linguística para articularem e conceberem atividades com algum sentido, mas e... apesar

destas dificuldades que estão relacionadas com a formação de base, eu acho que é sempre uma mais-valia, porque também é uma forma de, apesar não terem tido na formação anterior, algo sobre políticas linguísticas, gestão linguística, ecologia das línguas, sociolinguística, de uma forma muito superficial, reconhecimento, mas acabam por contactar com estes conceitos e de serem... estarem mais abertos, mais disponíveis ao mundo que os rodeia, apesar de, portanto, muitas vezes não se preocuparem em compreender exatamente esse mundo que os rodeia, mas [em] como é que podem usar os recursos para [os] integrarem nas suas práticas de planificação e de lecionação.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): E pretendem continuar a integrar a paisagem linguística nestas unidades curriculares ou em outras? De que forma gostariam de fazer alguma alteração? Fazer algo de forma diferente?

Ana Isabel: Na generalidade, sim, pretendo. Eu pretendo continuar. Eu todos os anos penso que quero aprofundar e motivar os alunos para projetos mais longos e mais centrados sobre um aspeto particular e aqui costumava dizer aos alunos para eles escolherem sempre um dos eixos de organização da unidade curricular. O que é certo é que tenho... há alguma dificuldade em fazê-lo, porque agora também percebo que os alunos precisam de compreender os vários eixos para compreenderem, no fundo, a importância da unidade curricular em questão e dos objetivos que têm que atingir e das competências que têm que desenvolver. Mas, na minha perspetiva, a grande alteração, eu poderia dizer que é, de facto, a escolha de um tópico, neste caso a paisagem linguística como objeto de reflexão e como objeto curricular no sentido do currículo na sua globalidade, não só o currículo instituído, mas o currículo, a construção que os alunos e os professores podem fazer dele.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): E Filomena, no seu caso?

Filomena Martins: Sim, eu gostaria de continuar a integrar a paisagem linguística nestas unidades curriculares, mas depende muito das escolhas dos alunos. E as escolhas estão muito condicionadas pelo percurso anterior, nomeadamente pelas unidades curriculares de opção, de modo até possibilitar um trabalho articulado. É verdade que disponibilizo diferentes artigos, relatórios de estágio, dissertações feitas na área, mas também é preciso que haja por parte dos formandos essa vontade de querer trabalhar o tema e de ter mais ou menos alguma ideia de como fazê-lo. Porquê? Porque isso é importante, porque é tudo muito rápido e são muitas as solicitações. No entanto, se eu voltar a lecionar a unidade curricular de Educação Plurilingue e Intercultural, sim, gostaria de reformular essa unidade e integrar conteúdos muito relacionados com os projetos com que temos vindo a trabalhar, não só o LoCALL, mas também outros projetos.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Pegando na vossa experiência com o projeto LoCALL, como é que esta experiência vos tem ajudado também a repensar a paisagem linguística de uma outra forma ou integrá-la de uma outra forma? O que é que gostariam de... que conselhos é que poderiam dar a quem gostaria de integrar a paisagem linguística nos cursos de formação de professores?

Ana Isabel: Em relação ao LoCALL, eu acho que trouxe, por exemplo, a aplicação foi importante e perceber que há outras formas também de identificar a paisagem e que podem interessar outro tipo de alunos, outro tipo de futuros professores... Acho que trouxe o projeto uma maior consciência do conceito e uma compreensão mais alargada do conceito. Uma sistematização do conhecimento sobre, e que deixa material e, portanto, para que possamos, para ser explorado no futuro. Em relação aos conselhos, eu acho que os formadores devem integrar a paisagem linguística nas suas atividades, se realmente acreditam e compreendem bem o conceito e acreditam que ele pode ser formativo e acreditam que ele pode desenvolver várias competências em simultâneo. Acreditam no fundo na potencialidade formativa do conceito, que tem a ver também com a potencialidade educativa do próprio conceito, mas que me parece até que é mais importante na formação do que propriamente na educação. Ou seja, é mais importante na formação dos professores do que na educação... do que fazer essa passagem imediata para os alunos, sobretudo alunos mais novos que de uma forma lúdica, identificam línguas, manipulam essas línguas, sabem onde é que elas se encontram, desenvolve-lhes a curiosidade, mas é fundamental introduzir isto na formação de professores e como uma formação abrangente e que não se limita às línguas, mas que chama à atenção, por exemplo, para o Estudo do Meio, no caso do 1º Ciclo, para os aspetos históricos, para os aspetos da arquitetura, para os aspetos sociais e económicos. É evidente que todos nós sabemos que cidades ricas ou com grande pujança económica têm determinadas línguas e ambientes mais ou menos urbanos, mais rurais, têm outras. Portanto, é mais nesse sentido da compreensão e também da compreensão das potencialidades... da compreensão da circulação linguística no mundo. Ou seja, a compreensão da ideia de um mercado linguístico ou do mercado linguístico-cultural. A ideia do Bourdieu, das línguas em competição e de que, a determinada altura, de facto nós fazemos escolhas por outras razões que não têm a ver com as línguas, mas têm a ver com aquilo que determina o seu próprio valor. Portanto, eu, para mim, os professores precisam de estar conscientes dessas dimensões e isso tem que ser trabalhado na formação de professores como uma forma de abrir a escola ao meio ao contexto local e global, porque as línguas muitas vezes referem reenviam a processos de globalização, não é? Regionalização, mas também de globalização. Portanto, são uma forma, as línguas na paisagem de compreender o local e o regional e o nacional e o global. E acho que os professores têm de estar conscientes dessas potencialidades e dessas circunstâncias que, no fundo, rodeiam as línguas. Senão, pode ser apenas mais um trabalho.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Mais um tema, mais um recurso...

Ana Isabel: Mais um tema, um folclore sobre... e que depois as pessoas esquecem um pouco. Portanto, para mim, é mais importante até nos professores, claro que os professores ficam motivados quando veem o que é que podem fazer com os alunos, mas isso tem que estar articulado de qualquer maneira para os formadores. Eu acho que é importante esta reflexão sobre que competências profissionais se podem desenvolver com este tipo de trabalho.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Hum-hum. E Filomena também relativamente aos conselhos que gostaria de deixar.

Filomena Martins: Eu acho que é importante vermos alguns exemplos das formações que fizemos e penso, por exemplo, o projeto desenvolvido com os professores de Ílhavo que conseguiram fazer o que é importante e realmente para eles a formação ao nível da paisagem linguística foi uma sensibilização e eles preocuparam-se muito com a parte de transpor para a prática. Mas o trabalho que eles fizeram, também pelo facto de terem conseguido colaborativamente e com a mesma turma, trabalhar com a [LoCALL] App e desenvolver o projeto que desenvolveram. Acho que isso, que que é muito importante usar, reutilizar essa experiência na formação de professores, esse material e também com os próprios... aquilo que conseguimos também na formação inicial e em ligação, por exemplo, com a educação para a cidadania global. Lembro-me de uma das minhas alunas deste ano a questão dela ter conseguido que as crianças se colocassem no lugar do outro e percebessem que a paisagem linguística é excludente e que muitas delas não veem as suas línguas representadas nessa paisagem. E também quando se colocaram no lugar dos imigrantes que precisam de se orientar na cidade e que não conseguem ler a paisagem linguística, a frustração que têm e essa paisagem ao nível quer do que está escrito, como também ao nível do que é ouvido e essa sensação de estranheza pela exclusão de umas línguas e linguagens em favor de outras que aparecem. Por isso, relativamente à minha experiência, eu acho que se poderiam construir casos para a formação a partir de alguns exemplos que já temos e que podem ser integrados nos cursos de formação docente.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Não sei se gostariam de acrescentar mais alguma coisa? Fazer algum comentário?

Filomena Martins: Sim. Da minha experiência, das alunas que trabalharam este conceito, elas fizeram com entusiasmo e motivação e também com as professoras com que trabalhei, de algum modo, de Ílhavo, via-se também entusiasmo e motivação. Por isso eu acho que a paisagem linguística tem potencialidades, depende muito da forma como conseguirmos, se soubermos, formos capazes de a

explorar com os estudantes e também relativa(mente)... também da forma como eles estão preparados para o fazer.

Entrevistadora (Mónica Lourenço): Apelando também aos próprios interesses deles e aquilo que eles foram desenvolvendo ao longo do seu percurso académico. Então, se calhar termino este *podcast* agradecendo mais uma vez a vossa disponibilidade e colaboração para estar aqui hoje à conversa sobre a integração da paisagem linguística em contexto de formação de professores. Muito obrigada às duas.

Ana Isabel: Obrigada, Mónica.

Filomena Martins: Obrigada.